

REFLEXOS DA PRÁTICA DOCENTE: ADOTANDO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Artur de Medeiros Queiroz
Discente do Curso de Pedagogia – UFRN/CERES/DEDUC

Célia Maria de Medeiros
Profa. Orientadora – UFRN/CERES/DEDUC

Resumo: A pesquisa que realizamos foi fruto do Estágio II (Educação Infantil) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Caicó-CERES, com a finalidade de levarmo-nos até a escola para que pudéssemos interagir e criar laços de relações de troca de ensino-aprendizagem, já que o ambiente escolar será um dos segmentos de nossa atuação. Não só isso, mas também de entender e refletir a prática pedagógica e metodológica e suas vertentes da professora regente no Nível I da Educação Infantil com crianças de 1 ano e meio a 2 anos e meio do Centro de Promoção Social Santo Estevão Diácono, da cidade de Caicó – RN. O período de observação foi o suficiente para detectamos fragilidade ao trabalhar as atividades com as crianças, especificamente a contação de histórias no qual foi reconhecida pela a mesma. Assim, é de suma importância, reconhecermos e adotarmos a contação de história como uma das estratégias-base para o trabalho docente na educação infantil, o importante é ler muitas histórias e observar as estratégias, assim como também é possível de aliarmos todos os eixos que o RCNEI nos indica desenvolver na criança, ou seja, trazer ao ambiente da sala de aula a interdisciplinaridade. Esta pesquisa se deu a partir da inserção da ludicidade, de forma prazerosa, intencional e que promovesse/despertasse a criança a imaginar e navegar neste mundo lúdico de fantasia, desde os seus primeiros anos de vida.

Palavras-chaves: Contação de história. Prática pedagógica e metodológica. Educação infantil.

1 Considerações iniciais

Referente à Educação encontramos várias mazelas que nos últimos 50 anos vêm concretizando o fracasso escolar põem e que no ambiente das Universidades Públicas de Ensino Superior e fora delas discussões e debates em recorte de uma educação de qualidade, onde cada um dar o seu parecer por ser um assunto público e de interesse de todos, com o governo pressionado, muitas das promessas paulatinamente são implantadas, mas que também temos que ter enfoque nos dois principais sujeitos nesta história: o aluno e o professor.

É intencional o papel das Universidades de Ensino Superior, no qual faço referência ao currículo do nosso curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campi Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) que nos trazem o poder de vivenciarmos ao inserir a Educação Infantil como uma extensão que proporciona momentos através da disciplina de Estágio II (Educação Infantil), com o intuito de adaptarmos e acomodarmos ao trabalho neste nível de ensino, com a teoria estudada na Universidade, se pode conhecer na prática a tal realidade diante do nosso campo de pesquisa, Centro de Promoção Social Santo Estevão Diácono do município de Caicó – Rio Grande do Norte.

A partir deste campo de pesquisa, podemos comprovar que os problemas, avanços e retrocessos que debatemos são reflexos de uma longa construção histórica, política, social e cultural, porém, vamos elencar algumas temáticas diagnosticadas acerca no que reflete a atual situação que encontramos na práxis docente no profissional da educação infantil.

Antes de tudo, é bom termos o entendimento que antes de incluir a educação infantil no Brasil como sistema de ensino público, a sociedade civil cobrava ao Estado o ensejo do direito das crianças também ter educação por motivo da acelerada urbanização e o trabalho vindo à tona, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, no título III, Do Direito à Educação e do Dever de Educar, art. 4º, IV, se afirma que: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”.

Dessa maneira, a primeira temática a ser aludida é o processo de formação da nova identidade do profissional: o professor, claro que, ao longo do processo histórico até os dias de hoje, ainda presente e questionados por não terem a devida formação suficiente e adequada para poderem atuar. Garcia (2008, p.45) nos mostra que por Lei estão amparados, pois “o desenho dessa identidade surge com a aprovação da Lei nº 9.394/96, que traz em todo o seu conjunto de artigos aspectos que possibilitam a identificação do perfil de um novo profissional”.

Assim, a identidade do profissional está aclopada diretamente na formação deste profissional, portanto, a atual situação da formação do mesmo, conseqüentemente os resultados que encontramos nas escolas públicas não são nada animadores, enfatizando a região nordeste com o nível de formação predominantemente com o Ensino Médio, não é à toa que temos os piores índices de educação.

A situação é tão crítica, que em consenso com a LDB, o RCNEI designa que o profissional da educação infantil, no qual são alcunhados como professores da educação infantil incumbidos pela educação direta das crianças de zero a seis anos, porém, mencionado em consideração a atual formação dos mesmos, tenha sua especialização ou não.

Em conformidade acima, será que estes profissionais sabem as concepções-chaves de criança, cuidar e educar? Estas concepções são essenciais para atuação, mesmo que, não há um conceito básico para definirmos, mas é importante que ela entenda que a criança está em processo de construção histórica de sua identidade e reconhecer que neste momento o seu papel como professor é saber educar, ensinar o que é condizente a sua faixa etária, assim como cuidar, pois é uma criança que por estar em processo de formação precisa sempre está

observando, sendo guiado, para que não se tenha nenhum receio no seu desenvolvimento psicosssexual.

Mas devido à fragilidade da formação, conseqüentemente não sabem aplicar a didática condizente ao nível das crianças. Assim, o SENAI, define que “A didática é a matéria-prima da formação de todos os educadores, entendendo-a não como metodologia de ensino, mas como conhecimento científico sobre as melhores formas de conduzir o processo de aprendizagem”. Didática é uma área ampla, nela, constatamos que devemos ter domínio nas metodologias, métodos, estratégias e técnicas de ensino e aprendizagem, currículo, avaliação, ou seja, todos estes elementos precisam estar inseridos no planejamento, mas como, sem formação?

A realidade é que vai levando do jeito que pode, o coordenador pedagógico faz sua função de cobrá-los, mas os professores são resistentes ao ser cobradas e dizem que não faz planejamento, mas um rascunho, enfim, realmente como podemos falar em uma educação de qualidade, já que além destes problemas, uma outra realidade especificamente no campo de pesquisa que atuamos podemos notar, a creche passa por problemas administrativos e financeiros.

Uma das saídas para estes profissionais são as diversas forma de formação docente, Para isso, Garcia (2008) assevera que, muito antes da LDB de 1996 legitimar no Brasil, o desenvolvimento destas experiências através de programas já eram vivenciadas, inclusive, as Universidades Públicas se responsabiliza em promover estas formações, sendo fruto de muitas pesquisas acadêmicas.

Assim, diante destas vertentes diagnosticadas, demos a prioridade na regência da professora do Nível I, com a faixa etária de um ano e meio a dois anos e meio, percebemos preocupação e reconhecimento por parte dela do problema metodológico de contação de histórias. Desta forma, desenvolveremos vários projetos relacionados à contação de histórias condizentes ao planejamento repassado pela mesma. Aplicando a interdisciplinaridade como meio propulsor/facilitador para conseguirmos que a base das crianças sejam construídas através de experiências e momentos de ouvir histórias, contribuindo para a codificação, letramento, desenvolvimento intelectual da criança, noções de mundo, segregando a importância e riqueza que trazemos dos eixos sugeridos pelo RCNEI ao trabalhar com as crianças.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos,

comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p. 89).

Por isso, trabalhamos a estratégia metodológica da contação de história agindo de forma transformadora e vinculando a sua importância de ser trabalhadas a partir de uma problematização. Escolhemos não só pela a mesma não saber usar metodologicamente a estratégia, mas sim, pela necessidade de implantarmos algo novo, fantástico e lúdico para as crianças da sala de aula, assim como, pudéssemos convencer a professora de aplicar isto em uma rotina na sala de aula.

2 Panorâmica da situação da leitura na educação infantil

No mundo que vivemos, a sociedade se depara em todo o lugar o poder de utilizar a leitura e a escrita intensamente em nosso cotidiano, no qual passa a ser bastante comum, sejam em espaços rurais, mas, principalmente nos espaços urbanos, ao nos depararmos o tempo todo com palavras e textos ao recebermos panfletos, ao ler o nome da loja, mapa, receita, ao assinar o nosso nome dentre outros espaços não-escolares e suas utilidades que utilizamos no nosso dia-a-dia, ou seja, com a leitura se faz necessária à sua interpretação. Assumindo o quão somos necessitados e dependentes seja aonde estivermos da necessidade do domínio da leitura. Em contrapartida, a escola passa a ter um papel determinante propulsor e funcional para os alunos passarem a dominar a leitura e a escrita com autonomia, através da leitura de mundo em alusão a Paulo Freire.

Consideravelmente, em visitas às escolas de educação infantil encontramos professores que não são leitores, não sabem de sua importância, o que este momento poderá transformar na vida de cada um, tem receio dos alunos manusearem com medo de rasgarem pelo pouco acervo de livro, escolhem qualquer livro sem direcionamento metodológico ou sem planejar, não proporcionam espaços lúdicos e prazerosos que estimulem os alunos o hábito da leitura, não estimula a interpretação do texto, não levam diversidade de gêneros textuais, mas querem que todos prestem atenção no professor para contar a história e ficar em silêncio.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (apud KNETCH, PAZ MARIOTTI, 2006) ressalta a importância do manuseio de materiais, de textos (livros, jornais, cartazes, revistas etc), pelas crianças, uma vez que ao observar produções escritas a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem. Isso é visível quando uma criança folheia um livro imite sons e faz gestos como se estivessem lendo.

Entretanto, no cotidiano escolar, isso pode não ocorrer devido ao medo de que os livros se estraguem. Porém os alunos só aprenderão a ter cuidado com os materiais, se tiveram em contato com os mesmos. A criança só construirá conhecimento a cerca da leitura se estiver inserida em um ambiente favorável ao letramento que a possibilite presenciar e participar de situações de iniciação a leitura.

Na verdade, estamos em uma “crise de leitura” na qual Maia (2007, p. 15) “justifica o termo “crise”, uma vez que a questão da leitura tem se tornado, com frequência, objeto de análise de vários autores que refletindo acerca do processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa”.

Para reverter esta situação na sala de aula, estudamos e conhecemos a realidade da comunidade e da creche, assim, compreendemos a resistência colocada por parte das crianças, contudo, Maia (ibid., p. 17) “engloba questões de ordem política, econômica, social e cultural, é para o universo escolar que direciono minhas indagações, por ser esse o espaço onde estão situados os sujeitos principais da história de formação de leitores: o professor e o aluno”.

Nós educadores e pesquisadores, mesmo sabendo que qualquer profissional de educação ou mesmo outro profissional de qualquer área de atuação temos a noção do que acerca a temática de estudo.

No entanto, muitos professores não sabem utilizar de estratégias e metodologias inovadoras, em decorrência a este problema, se temos sujeitos inseridos em uma comunidade no qual a mesma oferece educação por meio da creche/escola não consegue desenvolver nos alunos o hábito da leitura, é possível afirmar que a fragilidade continuará comprometendo o futuro das crianças, hoje temos a consciência e a necessidade de termos pessoas leitoras, porém, o número vem caindo cada vez mais da quantidade de livros lidos por crianças e adolescentes.

Isto se deve ao reflexo da escola na formação de seus alunos e o papel da família por não acompanhar ou incentivar na formação leitora de seus filhos, dessa forma, o trabalho da escola reflete no fracasso das escolas brasileiras por não enfatizar a contação de histórias como estratégia interdisciplinar, forma de alfabetizá-los, de instruí-los, não tornando a leitura como um hábito saudável e necessário para o desenvolvimento intelectual e sociocultural, porém, não iremos mudar esta realidade de um dia pra noite, mas sim, paulatinamente. Assim, Moreno (2009, p. 228-229) garante que:

O sucesso de uma contação de histórias depende muito das pessoas envolvidas, bem como de um espaço físico adequado. Quando o professor conta uma história, expressando-se com uso de voz e gestos, de forma a

imitar o personagem, ora sorrindo, ora chorando, faz com que os alunos viajem nas asas da imaginação de um mundo mágico e inesquecível.

Assim, tivemos o olhar focado neste problema, contudo, dificilmente conseguirão reverter esta situação. Portanto, tendo em vista a este fato, concluímos que a culpa deste acontecimento ocorrer não é só da professora, mas sim a escola como todo, faltando um engajamento em planejar e procurar uma saída para reverter à situação, a estratégia mais coerente seria através da pedagogia do projeto que se diz ser aplicado na creche.

Nesse sentido,

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.” (LERNER, 2002, p.18)

Vemos que esta oportunidade da nossa regência através da construção de um projeto no qual atenderemos todos os aspectos a serem desenvolvidos na Educação Infantil de forma interdisciplinar, garantiremos o esforço de tentar mostrar o caminho certo, e que possamos instigar e despertar na professora, o desejo de modificar esta nossa realidade nas escolas, dando continuidade a nossa metodologia aplicada no período da nossa regência, assim como também, implantar uma rotina com metodologias sempre inovadoras que propiciem de forma livre e espontânea o hábito de ler desde as idades iniciais.

Neste projeto, utilizaremos da interdisciplinaridade, ou seja, abordar vários temas que possam ser trabalhados, tais como: Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade, Movimento, Música, Expressão Plástica e Artística, Artes Dramáticas, Linguagem da Matemática e Relações Sociais. Assim também, desenvolveremos paralelamente o planejamento proposto da professora, de forma que possamos interligar os conteúdos selecionados por ela com os implantados no nosso projeto, ou seja, de forma interdisciplinar.

Desde já, esclarecemos que o nosso planejamento formal está embasado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, de acordo aos objetivos e eixos de trabalho orientados para a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento. Assim, também está baseado na realidade dentro da sala de aula considerando tudo o que os alunos possam aprender diariamente. A ordem do planejamento poderá estar submetida à mudança, caso ocorra a não aceitação pelos alunos.

3 Metodologia

Nossa pesquisa é caracterizada como de campo, uma vez que a coleta de materiais para estudo se deu através de conversas informais, instrumentos de roteiro e a observação para investigação e definição do nosso projeto de pesquisa-ação, porém, também utilizamos a pesquisa bibliográfica como fonte de compreender todo o contexto escolar e tentar reverter através de novas práticas de ensino, nosso método de ensino se deu basicamente sócio-construtivismo.

A regência aconteceu em 10 dias, dos quais, dois foram planejado para a observação. Nela, realizamos conversa informal e a aplicação de um instrumento de roteiro de caracterização da turma com a professora. Ainda, utilizamos as conversas informais e o instrumento de roteiro de caracterização da escola/campo de estágio com a diretora para entendermos o funcionamento da escola.

Os 8 dias estão destinadas para a nossa regência, a professora cedeu os conteúdos que iria trabalhar neste período, dando a autonomia de elaborarmos os planejamentos das atividades, em contrapartida, iremos desenvolver o nosso projeto de contação de história de forma interdisciplinar, ou seja, envolvendo todos os eixos do RCNEI que propõem para se trabalhar com as crianças: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Valente (1999, p. 04) acrescenta:

[...] no desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com [os alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender.

A execução das atividades foi seguida uma rotina que já implantado pela professora: 1º momento era de incentivo ao dia, ou seja, era feita com os alunos sentados tanto no chão como também na cadeira, conversando com eles e utilizando as músicas do dia-a-dia. Era um momento que por estarem sentados, botamos para trabalhar o movimento delas, pois ficavam muitos parados e calados. Utilizamos também o recurso de CDs de cantigas de rodas, de forma que a dramatização também pode ser utilizada nas cantigas de roda, explorando o som, a história cantada por Michele Mara, no qual foi eleita no ano de 2011 a “Maior Imitadora do Brasil e da América Latina – Programa Domingão do Faustão – Rede Globo”, Michele emprestou sua voz para interpretar as “Cantigas de Roda”. Aqui, a coordenação musical dos arranjos são feitas por Alberto Rodrigues, da Banda Blindagem, um dos grandes expoentes do

rock paranaense, inclusive deste material trabalhamos especificamente a cantiga de roda do “O Cravo e a Rosa” através das artes dramáticas.

Nosso projeto está incluso na construção de recursos materiais e didáticos que possam ser trabalhos, assim como: calendário, centopéia de números, tapete com vogais, fantoches, figurinos, avental, histórias confeccionadas, boliches, ou seja, recursos que pudéssemos trabalhar e que a professora posteriormente pudesse trabalhar, dando continuidade ao que oferecemos.

4 Resultados

A partir do nosso diagnóstico podemos dar à luz o nosso projeto de intervenção, que buscamos conseguimos quanto ao aspecto qualitativo e quantitativo, dentre eles estão:

- Perante o nosso período de regência utilizamos momentos lúdicos, movido à fantasia e imaginação que promoveu na criança uma manifestação cultural, além de conseguirmos centrar a concentração, algo muito questionado pela professora;
- Desenvolver habilidades para o professor por meio da observação e prática das nossas atividades, que lhe possibilitou um maior acervo de estratégias para contar suas histórias de maneira mais elaborada e que possam ser aplicadas, dando continuidade a este projeto permanente;
- Inserir uma rotina para que se possa introjetar o hábito e o gosto de ouvir histórias, como também desenvolver a oralidade das crianças;
- Dispor-se a conhecer o novo, o diferente, a usar a imaginação para se deleitar nas histórias propostas;
- Trabalhar e refletir, por meio das histórias e seus discursos, em sua conduta diante do meio em que vive, as relações sociais e o conhecimento de mundo.
- Contar histórias para crianças é poder sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, é através das histórias da literatura infantil, que as crianças descobrem outros lugares, outros tempos, outros jeitos de viver, de agir e de ser. A prática de trazer a contação de histórias para ambiente escolar permite a ampliação do processo de comunicação entre as crianças;
- Utilizar da contação de histórias cantadas, já que, as músicas por ser um eixo de ser trabalhado com a criança, é algo que elas gostam muito de ouvir em sua rotina escolar

e a certeza disso é que eles aprendem rapidinha a música direcionada, facilitando a compreensão e a aprendizagem;

- Através dos resultados das atividades, mostramos que para o professor é indispensável desassociar a prática docente sem adotar a pedagogia do projeto;
- Confeccionar recursos materiais que possam ser utilizados e explorados pela professora;
- Utilizar a arte da dramatização como forma de contação de história e que levamos a compreender a partir da gesticulação de acordo a música, tivemos a resposta da cantiga de roda “O Cravo e a Rosa”, quando a aluna respondeu de forma de choro, correspondendo a dramatização, por ser uma história triste;
- Por possuir um acervo muito pequeno de livros infantis, fizemos uma doação inclusive os livros que foram trabalhados durante os dias;
- Por fim, montamos um cantinho da leitura na sala, com os livros, um tapete e várias ilustrações para a leitura de imagem, assim como também, as atividades expostas.

5 Conclusão

Compreendemos agora o quão árduo e doloroso são as pedras que começam pequenas que temos em nossos caminhos, e à medida que andamos se esquivamos delas, vão aparecendo outras maiores que pensamos que não conseguiremos ultrapassar, mas passamos, maiores são os desafios, e nesta medida, devemos assumir sim a nossa identidade de educador, pois são elas que nos movem em busca de não estarmos em nosso trabalho olhando para o nosso umbigo, em busca dos nossos interesses capitalistas, e sim da coletividade, devemos pensar sim, nas nossas condições, mas também dos alunos, oras bolas, afinal quem são os dois sujeitos mencionados na introdução? Pois, como diz Leroy (2010, p.21): “reconhecer-se educador é reconhecer que todos estão ativamente envolvidos num processo de mudança individual e coletivo que tem um sentido, um alvo”.

Para isso, utilizamos da sabedoria de Paulo Freire e reconhecemos que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. E era assim que deveríamos adotar em nossa vida, mas quanto profissional, devemos fazer nossa contribuição, buscar saberes e sabores, usar das nossas competências que não são poucas para dar o suporte ao outro, este suporte pode ser buscado através do educador pesquisador, assim, podemos refletir acerca de vários assuntos que nos rodeiam em busca de uma solução. Por exemplo, se não tenho a aptidão de fazer artes na minha sala, mas posso buscar um parceiro

que possa me ajudar, se não sei contar histórias, posso fazer cursos, buscar, pesquisar meios que se possa levar a minha sala de aula, pois é lá que tenho que mostrar a eles o que posso passar pra eles, o que podemos construir juntos, enfim, ninguém tem o domínio de tudo, mas também não podemos nos acomodar a tal circunstância e pensar individual.

Desta forma, compreendo que o Estágio tem este lado de identificar, diagnosticar algo que possa está passando despercebido a volta do professor e que nós acabamos mostrando mecanismos, estratégias, metodologias, ou seja, trocamos experiências. O aluno estagiário chega com receio muitas das vezes, por outro lado, o pouco tempo que passou ali sentirá falta. É fazer deste momento, uma contação de história e levar consigo um ensinamento que futuramente possa ser repassado.

6 Referências

BARROS, Cristiane Maria. *et al.* **Leitura na educação infantil: a questão dos objetivos de ensino.** Disponível em:

<http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/documento%20em%20leitura%20na%20educacao%20infantil%20a%20questo%20dos%20objetivos%20de%20ensino.pdf . Acessado em: 21/05/2012>.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** 1v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** 2v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Subchefia para assuntos jurídicos, 1996,

GARCIA, Tânia Cristina Meira. **Trabalho docente, formação e profissionalização: o que nos revela o cotidiano do professor.** Natal, RN: EDUFRN, 2008.

KNETCH, Maíra Ortiz; PAZ, Érica Rodrigues da; MARIOTTI, Aurora Joly Penna. **Leitura na Educação Infantil.** In: IV Simpósio de Ensino de Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba no contexto da IV Mostra Acadêmica, 2006, Piracicaba.

LERNER, Délia. **Ler e Escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed. 2002.

LEROY, Jean Pierre. **Territórios do futuro: educação, meio ambiente e ação coletiva.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MAIA, Joseane. **A literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Literatura e Ensino)

MORENO, Leonel de Alencar. **O lúdico e a contação de histórias na educação infantil.** Florianópolis, v.10, n.97, p. 228-241, jul./dez. 2009.

SENAI. DN. **Pró-docente: curso de iniciação à docência na educação profissional e tecnológica.** Brasília: [s.n.], 2010.

VALENTE, J. A. Formação de Professores: diferentes abordagens pedagógicas. In: J. A. Valente (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento.** Campinas, SP: UNICAMP-NIED, 1999.